

Dois antípodas

André Seffrin
Escritor

Se predomina na ficção brasileira dos anos 30 a vertente nordestina, do romance social sobretudo, não foi menor nem menos significativa, numa visão geral, a importância das vertentes urbana e psicológica nessa que é uma nova etapa do nosso romance. Erico Veríssimo fez o romance urbano e da decadência do patriarcado gaúcho no chamado ciclo de *Clarissa* (a partir de 1933) e posteriormente em *O tempo e vento* (1949 a 1962); Marques Rebelo, o romance urbano do Rio de Janeiro, de recorte algo machadiano; José Geraldo Vieira, o romance urbano cosmopolita, introspectivo mas respirando os ares do mundo e da alta cultura. Para Lúcio Cardoso (Curvelo, MG, 1912 – Rio de Janeiro, RJ, 1968) e Cornélio Penna (Petrópolis, RJ, 1896 – Rio de Janeiro, RJ, 1958), na falta de melhor definição, essa vertente é chamada de introspectiva ou psicológica. Acrescente-se aí o nome de Octávio de Faria, que abordou a problemática religiosa no romance-rio *Tragédia burguesa*, que vai de *Mundos mortos* (1937) a *O pássaro oculto* (1979). Ao lado de Octávio, Lúcio Cardoso e Cornélio Penna talvez tenham sido os antípodas por excelência da geração. O romance nacional passa a ter com eles uma face dostoiévskiana (da qual não se afasta certo Julien Green e, no caso especial de Cornélio Penna, talvez Kafka), uma face de tensão introspectiva, voltada para os estados sonambúlicos do homem.

Essencialmente um poeta da prosa, ou um poeta que só se realizou plenamente no romance, Lúcio começou pagando tributos: ao regionalismo naturalista com *Maleita* e ao social (à maneira de Jorge Amado) com *Salgueiro*. Só a partir de *A luz no subsolo*, romance no qual os personagens parecem condenados à liberdade e ao isolamento, assumiu sua verdadeira fisionomia de ficcionista num existencialismo *avant la lettre*, conforme anotou Massaud Moisés. De *A luz no subsolo* à *Crônica da casa assassinada*, sua trajetória é desigual, embora não se afaste daquilo que podemos chamar de a sua natureza íntima de romancista. Apenas em *Dias perdidos*, uma de suas melhores realizações romanescas, destoou um pouco do conjunto. E é exatamente numa visão de

conjunto que Lúcio se revela o romancista do desespero humano e do desajuste, dos estados de febre e de loucura. Seus personagens lutam consigo mesmos, suicidam-se, assassinam, estão sempre em busca de redenção, sofrem de doenças secretas, vivem o desvio no curso natural da existência. É do próprio Lúcio a referência a sua “alma doente” de autor, que imprimiu nos personagens como ferro em brasa. *Maleita* e *Salgueiro* perfazem a tentativa, ainda incaracterística, da forma. Também neste elemento *Dias perdidos* foge ao conjunto. Na história do pai, um fundador de cidade, procurou mais uma vez exorcizar os demônios da infância (tentativa de *Maleita*, posteriormente retomada também em *Inácio* e *O enfeitado*), a figura de um pai sempre ausente. É, reafirmo, um grande livro, apesar de muito diferente do que escreveu antes e do que veio a escrever mais tarde.

Lúcio se preparou lentamente para o grande projeto de romance que impregnou o seu dia-a-dia de escritor, como uma doença, como uma sarça ardente. As páginas agônicas do *Diário* marcam a temperatura do percurso. E todos os seus romances parecem desaguar naquele que é considerado por grande parte da crítica como a sua obra-prima: *Crônica da casa assassinada*. A alternância de diversas perspectivas narrativas (trechos de diários, cartas e depoimentos) adensa uma atmosfera que chega ao paroxismo. Nessa polifonia cujo tema central é o incesto, uma figura de mulher: Nina. “Um sol visto de todos os lados”, poderia dizer de seu livro o próprio autor. É a revelação de um criador de totalidades existenciais, na palavra exata de Alfredo Bosi.

Tal qual Lúcio, Cornélio Penna viveu sua primeira infância em cidades pequenas. Nasceu em chão fluminense e transferiu-se muito cedo para o interior de São Paulo com passagens pelo interior de Minas Gerais, cenário de sua ficção. Dedicou seu segundo romance à sua melhor amiga: Itabira no Mato Dentro, cidade natal de seu pai. “Prisioneiro das cidades, sempre a saudade impossível da vida rural arde em mim, e sua intensidade, às vezes, é tão insuportável que me faz sair pelas ruas, a fim de acalmar essa dor sem lenitivo”, registrou ele em depoimento a João Condé, nos anos 1950.

Se Lúcio foi um autodidata, Cornélio cursou Direito em São Paulo, de 1914 a 1919. Dedicou-se ao jornalismo e, curiosamente, também à pintura, até o final dos anos 20. Todavia, fez o percurso inverso ao de Lúcio: abandonou as artes plásticas para se dedicar à literatura, e como Gustavo Corção, optou por um instrumento mais adequado às suas sondagens metafísicas e religiosas: a palavra. Misteriosamente, foi dos espíritos mais mineiros de nossa

literatura. Com uma produção bem menor que a da maioria de seus contemporâneos, Cornélio Penna começou um tanto tímido – no entanto bastante fiel ao seu universo posterior – com *Frenteira* (1936), romance de atmosfera, em que os personagens já se movem num plano mais de sugestão e de simulacro, fugindo um pouco à nitidez dos contornos psicológicos cardosianos. Adequando-os a seu propósito, Cornélio faz de seus personagens figuras quase indiscerníveis. Que vidas estranhas vivem Maria Santa e o autor do diário de *Frenteira*, que vida estranhíssima a de Nico Horta, a de Urbano e Dodô, e a que se vive na fazenda do Grotão, sob a ação intestina da ausente presença da menina morta.

Cornélio Penna publicou apenas quatro livros. Além de *Frenteira*, *Dois romances de Nico Horta* (1939), *Repouso* (1948) e *A menina morta* (1954). Romances de um antiquário apaixonado, na definição certa e algo maliciosa de Mário de Andrade. Romances que se intercambiam. Sua linguagem é de extração neogótica, tendendo ao alucinatório e ao estranhamento. Seus temas: a solidão, a dor, a renúncia e a morte. Seu simbolismo, como o de Lúcio Cardoso, e a exemplo de *A mulher obscura* (1939), de Jorge de Lima, tem implicações míticas. Desenhou em seus personagens algo como um mapa alegórico de sua busca parametáfrica do homem – ou de si mesmo. Como Lúcio, Cornélio também fez o trajeto ascensional que desemboca em *A menina morta*. Em Cornélio, contudo, há uma unidade circular que une os quatro romances, apesar da perceptível distância entre *Frenteira* e *A menina morta*.

Tanto em *A menina morta* quanto em *Crônica da casa assassinada*, é a condição humana que conta, e conta pelo inusitado das situações inexplicáveis, assolada pela fatalidade, sob a força (nesse caso, inexorável) do destino. Cornélio escreve numa linguagem lenta e monocórdia, tortuosa, que exige do leitor paciência infinita para chegar às suas trilhas, em que os personagens geralmente escapam a uma leitura linear, em que as digressões ampliam o espectro de significados e a verossimilhança vai se tornando cada vez mais fugidia.

No ano de sua morte, 1958, publicou-se o volume de seus *Romances completos*, com uma introdução geral escrita por Adonias Filho, romancista que guarda alguma semelhança com o seu universo ficcional. Incluiu-se na edição um pequeno fragmento de romance inacabado: *Alma branca*.

Lúcio Cardoso e Cornélio Penna: dois momentos isolados do romance brasileiro, em caminhos ainda pouco explorados pelas novas gerações.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. Romances de um antiquário. In: _____. *O empalhador de passarinho*. 2. ed. São Paulo: Martins, s/d., p. 121-124.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira* (1970). 32. ed. revista e aumentada. São Paulo: Cultrix, 1994.

CARDOSO, Lúcio. *Maleita* (romance). Rio de Janeiro: Schmidt, 1934.

_____. *Salgueiro* (romance). Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. *A luz no subsolo* (romance). Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *Dias perdidos* (romance). Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

_____. *Crônica da casa assassinada* (romance). Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

_____. *Inácio* (novela). Rio de Janeiro: Ocidente, 1944.

_____. *O enfeitado* (novela). Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

_____. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1970.

CONDÉ, João. Arquivos Implacáveis. Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1958.

LIMA, Jorge de. *A mulher obscura* (romance). Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: Modernismo* (1989). 5. ed. revista e aumentada. São Paulo: Cultrix, 2001.

PENNA, Cornélio. *Fronteira* (romance). Rio de Janeiro: Ariel, 1936.

_____. *Dois romances de Nico Horta* (romance). Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

_____. *Repouso* (romance). Rio de Janeiro: A Noite, 1948.

_____. *A menina morta* (romance). Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

_____. *Romances completos*. Introdução geral por Adonias Filho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

Resumo

Esse artigo apresenta os contrastes entre as obras de Lúcio Cardoso e as de Cornélio Penna, acompanhando o desenvolvimento de seus escritos e destacando suas características fundamentais.

Abstract

This article presents the contrasts between the works of Lúcio Cardoso and those of Cornélio Penna, accompanying the development of his written ones and detaching his basic characteristics.